

FH precisa ter estratégia voltada para a sociedade

■ Políticos do PFL acham que presidente vencerá no 1º turno, se tiver aliados certos

CLAUDIA SAFATLE

BRASÍLIA – Encerrado o prazo de filiação partidária, em 3 de outubro, o presidente Fernando Henrique Cardoso terá que seguir uma nova estratégia de governo, já diante do processo de campanha pela reeleição: voltar-se para o povo, para a sociedade, dar esperanças, ainda que sejam de difícil realização a curto prazo, em vez de consumir seu tempo e gestão com assuntos internos. “Um bom político tem que dar esperanças, ainda que sejam utopias”, costuma aconselhar o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães, com sua experiência de veterano da vida política nacional.

O presidente da República compartilha dessa visão e já tem comentado com lideranças partidárias que pretende mudar sua conduta, pautada até agora pela defesa inarredável da estabilização econômica, que, pelas enormes dificuldades financeiras da União, amarra os gastos e deixa o governo, de certa forma, imobilizado frente às gigantescas demandas sociais do país.

Obviamente, Fernando Henrique não vai colocar em risco o Real, que continua sendo seu maior patrimônio e trunfo eleitoral. Mas sabe que é preciso avançar e está se preparando para isso. As classes mais pobres continuam sendo sua forte base de apoio, mas o presidente está ciente de que um bom pedaço da classe média, formadora de opinião, está ressentido com sua política econômica e vai dar o troco nas urnas.

É exatamente esse núcleo de insatisfeitos da classe média que ouve como música os discursos de Ciro Gomes, o ex-governador do Ceará em busca de uma legenda que abrigue sua possível candidatura à presidência. O PSB de Miguel Arraes aceita a filiação do ex-governador do Ceará, mas isso ainda não significa que ele será o candidato que aglutinará os demais partidos de es-

querda numa frente.

A candidatura de Ciro Gomes, embora vista como de difícil voo pelos assessores do Palácio do Planalto, causaria problemas não só na disputa eleitoral de 1998, mas na própria formação do segundo governo de Fernando Henrique, se ele for reeleito. Isso porque Ciro Gomes deixaria vago o cargo de candidato ao governo do Ceará pelo PSDB e obrigaria o atual governador, Tasso Jereissati, a buscar a reeleição. Só que nos planos de Fernando Henrique, Jereissati seria imprescindível no seu ministério num segundo mandato, não só como articulador político, mas como peça fundamental na preparação da sucessão em 2002. O Palácio do Planalto está planejando com visão de longo prazo.

Políticos experientes do PFL, com visão pragmática e décadas de experiência no exercício do poder, avaliam que não é de todo impossível a reeleição de Fernando Henrique ainda no 1º turno. O presidente da República é, para eles, sem dúvida alguma, o melhor candidato, ainda que não tenha rapidez nas decisões como gostariam. A receita para tentar vencer ainda no 1º turno parece singela: escolher os aliados certos. Na prática é um pouco mais complicado, mas a fórmula é a seguinte: como os partidos não são um universo uniforme de pensamento, mas uma congregação de interesses diversos, Fernando Henrique deveria escolher, em cada legenda, quais são seus efetivos aliados e quais não são, ao invés de querer montar uma aliança a mais ampla possível em torno de sua candidatura.

Aliás, esse conselho não serve só para a reeleição, dizem esses políticos. É bastante útil, também, para formar aquilo que o Palácio do Planalto sempre reclama: uma base sólida no Congresso, que não exija bônus a cada votação de interesse do governo.